

Cultura jovem na Brasilândia: um diagnóstico baseado na metodologia de *design thinking*

Ana Clara Duete

RESUMO: Este artigo investiga como os jovens da Brasilândia, um território da periferia de São Paulo, se relacionam com as manifestações culturais da região. Através de dados demográficos e socioeconômicos, além de dados qualitativos, produzidos por meio de observação participante, rodas de conversa e entrevistas. O objetivo foi produzir um diagnóstico sociocultural sobre a juventude em áreas periféricas como o distrito da Brasilândia. Para organizar e interpretar as informações, foi adotada a abordagem do *design thinking* como base teórica e metodológica, evidenciando as percepções dos jovens e suas interações com os espaços culturais. Os achados destacam padrões de consumo cultural, os obstáculos enfrentados para acessar equipamentos culturais e as maneiras como práticas culturais são ressignificadas em contextos periféricos. O trabalho também ressalta a importância dos espaços culturais como centros de resistência, criatividade e fortalecimento da identidade coletiva. Por fim, indicamos possíveis direções para debates futuros que podem apoiar a formulação de políticas públicas destinadas a fortalecer a cultura e a juventude em áreas periféricas¹.

Palavras-chave: juventude periférica; cultura; espaços culturais; *design thinking*; Brasilândia.

INTRODUÇÃO

A Brasilândia, localizada na zona norte de São Paulo, é um local vibrante, repleto de expressões culturais e práticas sociais que evidenciam a diversidade e a criatividade de sua comunidade. No entanto, ainda é um desafio entender

¹ Este artigo é fruto da Pesquisa Juventude e Produção Cultural nas Periferias de São Paulo, uma parceria entre a FESPSP e o CEMJ, que foi realizada entre maio e novembro de 2024. Contou com a coordenação da Prof.^a Dr.^a Caroline Cotta de Mello Freitas e a participação de três estudantes da FESPSP como assistentes de pesquisa: eu, estudante de graduação em Biblioteconomia, Pedro Henrique de Oliveira e Sylas Aguilar, estudantes de graduação em Sociologia e Política. A pesquisa foi financiada no escopo do projeto Produção Cultural da Juventude nas periferias, Termo de Fomento n.º 176/2023 - SCEC-SP.

de que maneira os jovens da área se relacionam com os espaços culturais disponíveis e identificar as condições desses equipamentos. Este artigo visa apresentar um diagnóstico dos espaços culturais e das estruturas presentes na Brasilândia, além de explorar as percepções e os usos que os jovens fazem dessas instalações.

Os jovens das áreas periféricas urbanas têm um papel fundamental como agentes culturais, atuando não apenas como consumidores, mas também como criadores de narrativas que emergem de suas experiências de vida. Conforme menciona Almeida (2016), "*Desde a virada do milênio, em São Paulo, diferentes expressões culturais despontaram nas periferias da cidade com uma proposta de apropriação dos lugares e 'ressignificação' de espaços públicos e privados com um outro uso, com um outro olhar.*" (Almeida, p. 162). Assim, entendemos os jovens das periferias como mais do que simplesmente consumidores de cultura, mas como agentes, que produzem novas perspectivas a partir de suas realidades. Entretanto, esses processos criativos frequentemente encontram obstáculos estruturais que tornam sua expressão e o acesso a bens culturais mais difícil.

A sexta diretriz do Plano Nacional de Cultura (PNC) estabelece como objetivo a universalização do acesso dos brasileiros à arte e à cultura, buscando garantir que todos, independentemente de sua origem, classe social, ou local de moradia, possam exercer o direito à cultura. Esse direito está garantido pela Constituição Federal e a lei do PNC, que afirma: "garantir a cidadania cultural para efetivar o direito de acesso aos bens culturais", assegurando que a cultura seja um bem público acessível a toda a população, e que as práticas culturais se integrem ao cotidiano das pessoas em suas diversas formas e manifestações (BRASIL, 2010).

Os espaços culturais têm uma importância estratégica em comunidades periféricas, atuando como pontos de resistência e fortalecimento da identidade coletiva. Segundo Santos (2019, p. 77), os espaços culturais nas periferias urbanas são atuantes como pontos de resistência e de fortalecimento da identidade coletiva da comunidade. A análise desses espaços e de sua relação com os jovens da Brasilândia é fundamental para compreender as dinâmicas culturais locais.

Para estruturar esse diagnóstico, uti-

lizou-se a abordagem do design thinking, uma metodologia que permite organizar informações de forma colaborativa e centrada no usuário. Embora frequentemente associado à criação de soluções, Plattner (2015, p. 91) discute os diversos usos do processo, e propõe que design thinking pode ser aplicado com sucesso em diagnósticos, ao organizar informações de forma colaborativa e com foco no usuário. Neste estudo, a Agenda 2030 das Nações Unidas foi incorporada como referência para abordar os temas da pesquisa, destacando dois Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS): o ODS 4 - Educação de Qualidade, que enfatiza a importância de garantir uma educação inclusiva e equitativa, e o ODS 11 - Cidades e Comunidades Sustentáveis, que aborda a necessidade de tornar as cidades mais inclusivas, seguras e sustentáveis.

A inclusão da Agenda 2030 neste diagnóstico aprimora a compreensão sobre as dinâmicas culturais na Brasilândia, conectando os desafios locais a metas globais de desenvolvimento sustentável. Este artigo concentra-se em fornecer uma base analítica fundamentada em dados demográficos, socioeconômicos, e qualitativos, fornecendo um panorama detalhado sobre os equipamentos culturais e as relações que os jovens estabelecem com estes. O texto pretende sugerir futuras discussões que possam fortalecer políticas públicas e valorizar a juventude periférica e sua produção cultural.

2. PROCEDIMENTOS DE PESQUISA

Este artigo adota uma abordagem metodológica mista, que integra dados qualitativos e quantitativos, com foco no uso do *design thinking* como principal metodologia para o diagnóstico da realidade cultural dos jovens da Brasilândia. O objetivo é entender os desafios e as dinâmicas culturais dessa comunidade, sem propor soluções definitivas, mas sugerindo possíveis ideias para ações futuras.

A análise quantitativa foi realizada com base em dados do Censo Demográfico do IBGE, que forneceram um panorama inicial sobre a faixa etária (15 a 29 anos), como sobre escolaridade e outros aspectos sociodemográficos dos jovens da região. Esses dados foram essenciais para o desenvolvimento de uma compreensão geral sobre as condições da comunidade, como o nível de acesso à educação e a presença de outros fatores sociais e econômicos.

A coleta qualitativa foi feita por meio de entrevistas semiestruturadas e rodas de conversa com jovens da comunidade. Foram abordadas questões relacionadas às suas práticas culturais, como música, dança e outras formas de expressão artística. O método de observação participante,

também utilizado no estudo, proporcionou uma visão mais aprofundada acerca das interações sociais que ocorrem na Brasilândia.

Os dados quantitativos e qualitativos servem como base para o diagnóstico, que é o principal objetivo deste texto. O design thinking foi escolhido como metodologia principal para organizar e analisar as informações obtidas porque se trata de um modelo centrado no ser humano, que visa promover a colaboração e a criatividade para resolver problemas complexos. Esse artigo se concentra em duas etapas principais, que são essenciais no design thinking: imersão e ideação.

A primeira etapa, a imersão, consistiu na análise e interpretação dos dados quantitativos levantados a partir do IBGE, com foco nas condições dos jovens da Brasilândia. Foi nesta fase que os dados quantitativos forneceram um panorama inicial da realidade social da comunidade, posteriormente, as entrevistas e as rodas de conversa ofereceram uma visão mais pessoal e detalhada sobre as práticas culturais.

Na fase de ideação, baseada nos insights gerados na imersão, foram exploradas possíveis direções para ações futuras. Como mencionado anteriormente, a ideia aqui não é propor soluções definitivas, mas sugerir caminhos para intervenções que possam ser desenvolvidas em breve. Essas sugestões foram construídas a partir dos problemas identificados durante o diagnóstico.

O diagnóstico aqui apresentado pretende servir como base para futuras ações que busquem fortalecer a identidade cultural de um bairro periférico com a Brasilândia, promover maior inclusão social na região e ampliar o acesso à cultura entre os jovens.

No âmbito cultural, essa metodologia pode ser adaptada para responder às necessidades de diferentes comunidades, especialmente aquelas em situação de vulnerabilidade, como as periferias. Ao aplicar o design thinking de forma colaborativa, envolvendo diretamente as comunidades nas fases de empatia e prototipagem, é possível criar soluções culturais mais inclusivas, respeitando a identidade local e promovendo a transformação social através da arte e da cultura (Brown; Wyatt, 2010).

3. JUVENTUDE E CULTURA NAS PERIFERIAS URBANAS

Segundo a educadora Luciana Pedrosa Marcassa, juventude é uma categoria social que se caracteriza,

[...] ao mesmo tempo, pela heterogeneidade e pelo agrupamento, pela diversidade e pela semelhança, portanto, marcada por determinações de classe, gênero, etnia e também clivada por diferenças produzidas pelas condições educacionais e culturais, pelo local de moradia e pela relação

que estabelece com outras gerações, em especial com o mundo adulto e sua entrada nele. Por isso, é importante compreender as experiências concretas nas quais a juventude se produz, articulando expectativas, o ambiente cultural, trajetórias, modos de pensar e agir com as condições materiais e concretas nas quais esses jovens estão inseridos. (Marcassa, 2017, p. 14).

A juventude, segundo a autora, é uma “constituição histórica” baseada nas relações sociais desse grupo com o mundo adulto. As necessidades e as condições históricas de seu desenvolvimento são configuradas pela sociedade moderna ocidental. Para definir juventude no sentido de uma construção histórica e social, é necessário considerar categorias como idade, geração e crise de geração (Foracchi, 1972).

Borelli e Rocha (2008) ressaltam a importância dos movimentos juvenis nos centros urbanos, que ajudam a combater os estereótipos que frequentemente ligam a juventude periférica à violência e marginalidade. Esses movimentos mostram como os jovens podem ressignificar sua imagem e afirmar novas identidades.

Por meio das redes de socialidade – e nem sempre articulados a projetos institucionais – alguns coletivos juvenis se tornam atores sociais, participam e intervêm em processos dentro de suas próprias comunidades, assim como nos espaços públicos das cidades em que residem. Alteram e transformam as estruturas e características originais dos cenários urbanos pela ação da música, do teatro, de leituras e narrativas, da dança e arte popular urbana, entre elas: grafites, pichações, stickers; intervêm em movimentos voltados para a ecologia, o meio ambiente, as novas ordens planetárias, entre outras alternativas de participação que adquirem um caráter político por sua intencionalidade e pelas formas por meio das quais se apropriam dos espaços públicos transformando-os, mesmo que efemeramente, em ‘lugares seus’ (Borelli; Rocha, 2008, p. 32).

A ação desses coletivos juvenis pode também assumir um caráter político. Ao atuar de forma autônoma, muitas vezes fora de projetos institucionais, eles ocupam e ressignificam os espaços públicos das cidades. Por meio da música, da dança, do grafite e de intervenções artísticas, esses grupos podem modificar temporariamente a aura desses locais, apropriando-se deles como espaços de expressão. Essas ações demonstram o potencial dos jovens para questionar as dinâmicas urbanas e propor novas formas de participação, mesmo em situações de marginalização social.

Essas práticas confrontam desigualdades e reafirmam a presença dos jovens em espaços que historicamente lhes são negados. Ao transformar ruas, praças e muros em plataformas de

expressão, os coletivos juvenis ampliam as possibilidades de diálogo entre as comunidades e o espaço urbano. Essas iniciativas mostram que a participação política não se restringe a instituições formais, mas pode ocorrer de maneira descentralizada e espontânea, com impacto direto na vida das cidades.

O engajamento de jovens com temas como ecologia, meio ambiente e outras questões globais demonstra uma capacidade de mobilização que trespassa os limites dos espaços tradicionais de poder. Ao se apropriar dos espaços públicos e transformá-los, os jovens criam formas de participação política, reivindicando seus direitos e espaço na cidade, e assim, questionando e reformulando as narrativas dominantes sobre sua juventude.

Diante das diversas contribuições apresentadas por autores como Marcassa (2017), Borelli e Rocha (2008), é possível compreender que a juventude periférica, especialmente em espaços urbanos como a Brasilândia, utiliza expressões artísticas e sociais como instrumentos de resistência e empoderamento. Contudo, para entender como esses movimentos se concretizam e suas condições de possibilidade, é importante investigar o panorama atual dos espaços culturais da região. O próximo tópico se dedicará a realizar o diagnóstico dos espaços culturais da Brasilândia, explorando como esses locais contribuem para a difusão de práticas culturais, e como elas podem fortalecer iniciativas juvenis nas periferias urbanas.

4. DIAGNÓSTICOS DOS ESPAÇOS CULTURAIS NA BRASILÂNDIA

A Brasilândia, embora seja um bairro periférico da cidade de São Paulo, apresenta diversidade de espaços artísticos e de lazer. Esses lugares incluem centros culturais, escolas de arte, praças, espaços de grafite, além de iniciativas autônomas realizadas por coletivos de jovens, que realizam atividades como rodas de conversa, apresentações artísticas e intervenções culturais nas ruas.

Apesar da riqueza de iniciativas culturais, os espaços formais e informais têm problemas relacionados a financiamento, infraestrutura e apoio institucional. A pesquisa identificou que, embora existam locais como o Centro Cultural Brasilândia e a Biblioteca Comunitária, muitos desses equipamentos ainda carecem de recursos adequados, tanto em estrutura quanto em programas direcionados para o público jovem. De acordo com dados do IBGE, a região apresenta um alto índice de desigualdade.

Os jovens da Brasilândia, muitas vezes, enfrentam barreiras para frequentar esses espaços,

principalmente devido a questões de transporte, horários incompatíveis com suas rotinas de trabalho e estudo, além da falta de divulgação das atividades. A ausência de uma programação voltada aos interesses da juventude limita o engajamento desses jovens com os espaços culturais tradicionais.

4.1 Percepções dos Jovens sobre os Espaços Culturais

Através das entrevistas e rodas de conversa realizadas, foi possível identificar que os jovens da Brasilândia têm uma relação ambígua com os estabelecimentos da região. Por um lado, há um forte reconhecimento da importância desses espaços como centros de expressão de uma identidade coletiva; como observado por Borelli e Rocha (2008), os coletivos juvenis são vitais na ressignificação de espaços urbanos. Para os jovens entrevistados, esses espaços são locais onde podem afirmar sua identidade, especialmente através de manifestações artísticas como o hip-hop, o rap, o grafite e a dança. Vale destacar que o termo "identidade" foi amplamente citado pelos participantes do estudo. Por outro lado, foi percebido um distanciamento entre as práticas culturais informais, predominantemente urbanas e de rua, e as atividades oferecidas pelos centros tradicionais. Muitos jovens afirmaram não acompanhar a programação oficial, que, em sua maioria, não atende às expectativas ou aos interesses dessa população. De acordo com um dos entrevistados: *"aquí na Brasilândia, tem muita coisa acontecendo na rua, mas os lugares como o Centro Cultural Brasilândia não acompanham isso. A gente curte mais os rolês na quebrada, na rua, nas praças"*.

A análise sobre as percepções desses jovens revela que, para eles, a cultura está profundamente conectada às suas vivências cotidianas e ao uso criativo dos espaços urbanos. No entanto, a falta de recursos, de programação direcionada e de espaços de encontro informais dificulta o pleno desenvolvimento dessas práticas culturais.

4.2 Sugestões para o Fortalecimento dos Espaços Culturais

Apesar da riqueza cultural, há uma série de desafios que comprometem o acesso e o aproveitamento desses espaços na Brasilândia. Entre os principais obstáculos, destacam-se:

- Muitos jovens relataram dificuldades de acesso aos centros culturais, devido à localização distante ou a falta de transporte público eficiente. A situação de vulnerabilidade socioeconômica também limita o deslocamento para esses espaços, o que cria um desalinhamento entre a oferta cultural e a demanda da população jovem.

- A maioria dos espaços culturais não oferece atividades que dialoguem diretamente com os interesses da juventude periférica, como as práticas culturais urbanas que incluem a música, o grafite, o hip-hop e a dança de rua. Essa desconexão cria um afastamento dos jovens em relação aos equipamentos culturais existentes na região.

- A pesquisa revelou que muitos espaços culturais enfrentam dificuldades orçamentárias, o que limita a realização de eventos e atividades regulares. Isso também afeta a qualidade das instalações, comprometendo a experiência do público e a eficácia das ações culturais.

Diante desses desafios, algumas sugestões para o fortalecimento dos espaços culturais na Brasilândia foram levantadas pelos próprios jovens e pelas rodas de conversa:

- A criação de rotas diretas para centros culturais e melhorias nos espaços físicos tornando o acesso mais fácil e atrativo. Isso pode aumentar a frequência dos jovens nesses locais, favorecendo sua integração com a vida cultural da cidade.

- Iniciativas que valorizem expressões como grafite, rap e dança de rua podem atrair jovens, ao conectar os espaços culturais com suas vivências cotidianas. Programas que estimulem a experimentação criativa favorecem a participação ativa.

- Colaborar com coletivos já existentes fortalece o vínculo entre os espaços formais e as práticas culturais da periferia. Essa aproximação enriquece a gestão cultural e valoriza a espontaneidade das iniciativas comunitárias.

- Oferecer formação em artes e gestão cultural pode transformar os jovens em protagonistas da cena local, promovendo autonomia e fortalecendo a identidade cultural da comunidade.

A análise dos espaços culturais na Brasilândia revelou o papel essencial das iniciativas culturais na construção da identidade da juventude periférica. No entanto, também evidenciou os desafios de acesso enfrentados pela comunidade, como barreiras estruturais e a falta de políticas direcionadas para esse grupo etário. Esse cenário reforça a necessidade de ações que dialoguem diretamente com as práticas e demandas culturais locais, respeitando as especificidades das periferias e dos jovens.

A Agenda 2030 e seus objetivos de desenvolvimento sustentável (ODS) oferecem um referencial estratégico para políticas públicas inclusivas. Esses objetivos podem orientar iniciativas que promovam a valorização da cultura periférica, fortalecendo os espaços culturais e ampliando

seu alcance. O próximo tópico examinará como os ODS podem inspirar ações que tornem as políticas culturais mais acessíveis, sustentáveis e alinhadas com a realidade das comunidades periféricas, contribuindo para uma sociedade mais igualitária.

5. A AGENDA 2030 NA CULTURA PERIFÉRICA

A Agenda 2030, adotada pelas Nações Unidas, apresenta uma visão global para um futuro mais justo e sustentável, com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) como metas interligadas. Nas periferias urbanas, como a Brasilândia, a cultura desempenha um papel essencial para alcançar objetivos como a redução das desigualdades (ODS 10), cidades sustentáveis (ODS 11) e a promoção da paz e justiça (ODS 16). Por meio da cultura, expressam-se identidades locais e fortalecem-se laços comunitários, tornando-a um meio da transformação social.

Entretanto, a promoção cultural nas periferias enfrenta desafios como falta de infraestrutura, recursos financeiros e políticas eficazes. A integração da cultura aos esforços da Agenda 2030 pode valorizar expressões periféricas, fortalecendo espaços culturais como centros de cultura e praças. Esses locais, além de oferecerem acesso à arte e conhecimento, promovem inclusão social e participação comunitária, contribuindo para a redução das desigualdades das comunidades periféricas.

A valorização das culturas periféricas pode gerar oportunidades econômicas e reforçar o senso de pertencimento coletivo. Durante as entrevistas, foi mencionada a relevância de figuras como Negra Li, que nasceu na região e conseguiu se destacar graças às oportunidades em seu território. Essa representatividade inspira a juventude local e evidencia o impacto positivo da cultura como ferramenta de transformação social.

No entanto, regiões como a Brasilândia ainda enfrentam dificuldades, como acesso restrito a espaços culturais e a invisibilidade de práticas culturais locais. Parcerias do poder público com coletivos e iniciativas autônomas podem ajudar a superar essas limitações, promovendo uma cultura sustentável e inclusiva. Integrar a cultura aos princípios da Agenda 2030 é essencial para fortalecer a cidadania e valorizar a diversidade da juventude periférica.

6. ANÁLISE DOS RESULTADOS

A análise dos resultados permite estabelecer conexões importantes com os tópicos anteriores, que trataram dos espaços culturais da Brasilândia e dos objetivos da Agenda 2030. Esses dados destacam como a cultura pode ser uma

ferramenta potente de inclusão social e transformação na periferia. A juventude da Brasilândia, especialmente na faixa etária de 15 a 29 anos, enfrenta desafios que vão desde o acesso limitado à educação e ao trabalho até a precariedade de serviços básicos. Essas condições estão diretamente relacionadas a metas como educação de qualidade (ODS 4) e redução das desigualdades (ODS 10).

O acesso à educação superior é restrito, e muitos jovens convivem com defasagens educacionais, o que dificulta sua entrada no mercado de trabalho formal. Os esforços diários para equilibrar estudo e trabalho em condições difíceis criam uma verdadeira “cultura de sobrevivência”. Por outro lado, espaços culturais comunitários, como o *Slam da Norte* e o *Sarau da Brasa*, surgem como alternativas de aprendizado, troca de experiências e afirmação cultural.

A juventude da Brasilândia é formada majoritariamente por jovens pardos e pretos, que frequentemente lidam com preconceitos e barreiras estruturais. Além disso, questões ligadas à diversidade sexual aparecem com força nos relatos, mostrando avanços importantes em termos de aceitação, mas também grandes desafios. Os espaços culturais são indispensáveis nesse processo, como lugares de acolhimento e fortalecimento de identidade.

Os dados relacionados ao saneamento básico e à infraestrutura digital deixam claras as dificuldades históricas que impactam a qualidade de vida na região. Muitas casas não têm acesso adequado a esgoto ou à internet, o que compromete o desenvolvimento pessoal e educacional dos jovens. Mesmo assim, equipamentos culturais e comunitários despontam como iniciativas importantes, capazes de oferecer oportunidades concretas para reduzir essas desigualdades. Políticas públicas que integrem cultura, educação e inclusão digital são urgentes para atender às demandas dessa juventude.

Vale lembrar que, em contextos de renda média e alta, o ciclo de vida dos jovens até a década de 1970 seguia uma trajetória relativamente linear: estudo, trabalho e, finalmente, casamento. Para os jovens da periferia, essa linearidade nunca foi garantida, mas a situação hoje é ainda mais complexa. O prolongamento da juventude — aqui entendida como a faixa etária entre 15 e 29 anos — carrega novas dificuldades, especialmente para aqueles que dependem do trabalho para ajudar suas famílias. Muitos enfrentam longos períodos de estudo sem garantia de inserção no mercado e permanecem na casa dos pais, situação que reforça a chamada “moratória social”.

Segundo Sandra dos Santos Andrade (2014), “os/as jovens informantes expressam, em suas falas sobre modos de viver e compreender o mundo,

uma espécie de moratória social" (Andrade, 2014, p.91). No entanto, Margulis e Urresti (1996) apontam que, para as classes populares, essa condição de moratória é quase inexistente. Esses autores explicam que o conceito de "moratória social" se refere à possibilidade concedida por certos grupos sociais, especialmente os de classe média, para que seus jovens tenham "um tempo legítimo para se dedicarem ao estudo e à capacitação (profissional), postergando o matrimônio (ou a vida independente, fora da casa dos pais), o que lhes permite gozar de certo período durante o qual a sociedade lhes brinda com uma especial tolerância" (Margulis; Urresti, 1996, p. 15). Esse, definitivamente, não é o caso entre os jovens periféricos.

Os dados obtidos nos ajudam a pensar sobre como a juventude periférica ressignifica suas condições e busca novos caminhos. Apesar dos limites impostos pela realidade material, os jovens encontram na cultura e na coletividade formas de reinventar suas possibilidades de vida. Isso reafirma a importância de ações locais que fortaleçam os espaços culturais existentes, ampliem o acesso a serviços básicos e estimulem políticas inclusivas capazes de garantir um futuro mais digno e equitativo para a juventude da periferia.

Na Brasilândia, segundo o IBGE (Censo de 2010), 27,7% dos habitantes (73.323 pessoas) têm entre 15 e 29 anos. A faixa de 18 a 24 é predominante, correspondendo a 12,7% da população total do distrito. Dentre os jovens de 15 a 17 anos, há uma alta concentração no Ensino Médio, mas também uma presença significativa de estudantes em séries defasadas do Ensino Fundamental, o que evidencia os desafios educacionais da região. Para os jovens de 18 a 24 anos, predomina a ausência de vínculo educacional formal, enquanto a faixa de 25 a 29 anos apresenta números baixos de ensino superior completo. Entre os jovens alfabetizados, as taxas são elevadas, mas há uma queda na continuidade educacional.

As mulheres na Brasilândia representam 51,2% dos jovens de 15 a 29 anos, superando os homens (48,8%). Embora a diferença de gênero seja pequena, jovens que se identificam com outras orientações sexuais mencionam a necessidade de reconhecimento e aceitação, embora relatos individuais também mostrem casos de convivência familiar positiva. Um entrevistado descreveu sua relação com a sua família como "tranquila e de boa", em contraste com outros cenários menos acolhedores.

Em termos de etnia e identidade racial, a população jovem da Brasilândia é majoritariamente parda (42,01%), seguida por branca (46,9%) e preta (10,41%). O registro de indígenas e amarelos é baixo. Durante as pesquisas, jovens questionaram a categorização racial, preferindo se

identificar como pertencentes à raça "humana". Esse discurso pode refletir tanto uma crítica ao racismo quanto uma rejeição a divisões sociais baseadas em raça/cor.

A renda média mensal domiciliar per capita na Brasilândia é de R\$ 936. A maior parte dos jovens de 15 a 17 anos se enquadra na faixa de mais de 1/4 a 1/2 salário-mínimo. Já os de 18 a 24 anos começam a atingir faixas de renda entre 1 e 2 salários-mínimos, enquanto os de 25 a 29 anos mostram pequena concentração em rendimentos entre 2 e 3 salários-mínimos. Entretanto, a precariedade habitacional ainda é uma realidade para muitos, com jovens compartilhando residências pequenas e, muitas vezes, em condições insalubres.

No que diz respeito à inserção no mercado de trabalho, na faixa etária de 15 a 17 anos muitos jovens ainda não participam do mercado formal. Já para os de 18 a 24 anos, destaca-se o aumento de vínculos formais, embora o trabalho informal permaneça significativo. Para os de 25 a 29 anos, observa-se uma maior estabilidade no emprego formal, mas ainda com desafios relacionados à remuneração e condições de trabalho. Uma cultura de sobrevivência permeia a juventude, com muitos conciliando trabalho e estudo (35,4%), ou manifestando o desejo de trabalhar (33,7%).

Os dados sobre infraestrutura e condições de saneamento coletados revelam desigualdades significativas no acesso a serviços básicos. 62.956 residências estão conectadas à rede geral de esgoto ou pluvial, enquanto 5.562 têm como destino rios, lagos ou mar, e 719 utilizam valas. Sobre o abastecimento de água, 70.054 residências têm acesso à água canalizada em ao menos um cômodo, enquanto 2.221 possuem abastecimento apenas na propriedade ou no terreno.

A coleta de lixo na Brasilândia é realizada diretamente em 63.571 domicílios, mas cerca de 7.780 utilizam caçambas, o que indica desafios logísticos para garantir uma cobertura mais eficiente.

A análise dos dados coletados permite evidenciar os desafios enfrentados pelos jovens da Brasilândia, especialmente em relação ao acesso à educação, ao mercado de trabalho e à infraestrutura básica. O limitado acesso à internet e aos serviços públicos é um dos principais obstáculos para o desenvolvimento da juventude local. Apenas 30.347 jovens têm internet em suas casas, o que os coloca em uma situação de exclusão digital, dificultando o acesso à educação à distância, a busca por empregos e a outras oportunidades em uma sociedade cada vez mais conectada. A falta de conectividade, portanto, limita o potencial de desenvolvimento desses jovens e aprofunda as desigualdades sociais e econômicas que eles en-

frentam.

Apesar das dificuldades de exclusão digital, a Brasilândia conta com espaços culturais e de lazer que atuam como pilares de resistência e promoção da identidade juvenil. Locais como a Casa de Cultura Municipal da Brasilândia e o Centro Cultural da Juventude oferecem oportunidades de aprendizado, integração e desenvolvimento pessoal. Esses centros culturais, funcionam como redes de apoio social e emocional que conectam os moradores e fomentam a identidade coletiva. A arte e a cultura local emergem como instrumentos de transformação, desafiando os estigmas frequentemente associados às periferias.

A mobilidade urbana é outro obstáculo significativo enfrentado pelos jovens da região. O tempo excessivo gasto em deslocamentos diários devido à precariedade do transporte público intensifica as desigualdades entre o centro e as periferias. Esse cenário limita o acesso a oportunidades educacionais e culturais, gerando um ciclo de exaustão e dificultando a inclusão social e econômica dos jovens.

Os relatos nas entrevistas destacaram a importância dos espaços culturais como agentes de transformação. Esses locais permitem que os jovens expressem suas identidades, se conectem com a comunidade e resistam às adversidades. Um exemplo notável trazido pelas entrevistas é o podcast *Prevenção para Todxs*, uma iniciativa que aborda temas de saúde, cidadania e cultura voltados para a juventude periférica. Esse podcast não apenas informa e conscientiza, mas também se consolida como um espaço de inclusão digital e diálogo, conectando jovens a conteúdos que dialogam diretamente com suas realidades e demandas.

Além disso, metodologias como o *design thinking*, especialmente nas etapas de definição, se mostraram eficazes na identificação de desafios como falta de acesso à conectividade digital e serviços públicos. Iniciativas como o Slam da Norte, o Sarau da Brasa e o próprio podcast *Prevenção para Todxs* exemplificam soluções inovadoras, funcionando como protótipos de inclusão e inovação cultural. Essas ações reafirmam o papel da cultura e da comunicação digital como ferramentas transformadoras, capazes de fomentar a participação ativa dos jovens e fortalecer redes de apoio comunitário.

Esses espaços culturais e projetos colaborativos demonstram o potencial da cultura para unir educação, arte e infraestrutura digital, evidenciando o impacto positivo que políticas públicas bem estruturadas podem ter na vida dos jovens. Assim, é essencial implementar e adaptar políticas de inclusão digital, educação e fomento cultural com base nas realidades locais, aproveit-

ando os aprendizados de iniciativas já em andamento, como os espaços culturais da Brasilândia e projetos como *Prevenção para Todxs*.

Metodologias colaborativas, como o *design thinking*, são cruciais para desenvolver soluções alinhadas às necessidades dos jovens. Ao envolvê-los ativamente na criação de estratégias, é possível emponderá-los e fomentar soluções inovadoras e sustentáveis que possam ser replicadas em outras periferias. Apoiar e ampliar iniciativas culturais e digitais existentes é essencial para fortalecer o protagonismo juvenil e criar um ciclo virtuoso de desenvolvimento social e cultural.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O diagnóstico sociocultural na Brasilândia destacou a importância dos espaços culturais na formação da identidade dos jovens e como instrumentos de resistência e transformação social. No entanto, desafios como acesso limitado, programações desalinhadas com as demandas juvenis e infraestrutura precária comprometem o alcance e a eficácia desses espaços na integração da comunidade jovem.

A pesquisa revelou que a conexão entre práticas culturais autônomas da juventude e equipamentos formais é essencial para promover a inclusão social. Políticas culturais devem considerar essas características locais, valorizando as expressões artísticas já existentes e frequentemente organizadas de forma independente pela comunidade.

A utilização da metodologia de *design thinking* mostrou-se eficiente para mapear necessidades e identificar soluções. O envolvimento direto dos jovens permitiu a criação de propostas que respeitam a diversidade cultural da região e fortalecem o protagonismo juvenil na construção de iniciativas inovadoras e inclusivas.

Recomenda-se o fortalecimento dos espaços culturais, maior oferta de programações adequadas, ampliação do acesso digital e estabelecimento de parcerias com coletivos locais. Investimentos contínuos são fundamentais para garantir a sustentabilidade dessas ações e o impacto positivo na comunidade.

Por fim, a cultura periférica não é apenas um reflexo das condições sociais, mas um agente de transformação. Valorizar e fortalecer as manifestações culturais na Brasilândia pode beneficiar a juventude local e servir como referência para políticas públicas inclusivas em outras regiões periféricas.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Renato Souza de. Cultura e identidade nas periferias urbanas: apropriação e resignificação de espaços públicos. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, v. 14, n. 2, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rieb/a/6JdrNwGyHH3ShVGDJxxPVFt/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 12 dez. 2024.
- ANDRADE, Sandra dos Santos. Juventudes e processos de escolarização: uma abordagem cultural. Tese (Doutorado em Educação) Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.
- ANDRADE, Sandra dos Santos; MEYER, Dagmar Estermann. Juventudes, moratória social e gênero: flutuações identitárias e(m) histórias narradas. *Educar em Revista*, Curitiba, Edição Especial n. 1, p. 85-99, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1590/0104-4060.36463>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/hT39ppnhSjW5DyJgz73CdB/>. Acesso em: 16 dez. 2024.
- BORELLI, Silvia; ROCHA, Rose de Melo. Juventudes, mediações e nomadismos: a cidade como arena. *Comunicação, Mídia e Consumo*, São Paulo, v. 5 n. 13, p. 27-40, jul. 2008.
- BRASIL. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). Relatórios e análises sobre os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável no Brasil. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br>. Acesso em: 15 dez. 2024.
- Brasil. Política Nacional de Cultura: avaliação e diretrizes. Ministério da Cultura, 2019. Disponível em: https://cnp.cultura.gov.br/wpcontent/uploads/sites/3/2017/11/EBOOK_PNC_28_01_19_final-AVALIAÇÃO-PNC.pdf. Acesso em: 12 dez. 2024.
- BROWN, Tim. (2008). *Design Thinking*. Harvard Business Review, 84-92.
- BROWN, Tim. 2009. *Change by design: How design thinking transforms organizations and inspires innovation*. New York: Harper-Collins.
- BROWN, Tim; WYATT, J Jocelyn. (2010). *Design thinking para inovação social* (T. M. B. F. dos Reis, Trad.). Stanford Social Innovation Review, (Winter 2010).
- FORACCHI, Marialice Mencarini. *A juventude na sociedade moderna*. São Paulo: Pioneira, 1972.
- GUIMARÃES Antônio Sérgio. *Classes, raças e democracia*. São Paulo: Editora 34, 2002.
- IDEO Global Libraries. *Design Thinking para Bibliotecas: um toolkit para design centrado no usuário*. Repositório - FEBAB. Disponível em: <http://repositorio.febab.org.br/items/show/1537>. Acesso em: 16 dez. 2024.
- MARCISSA, Luciana Pedrosa. (Coord.). *Relatório de Pesquisa. Juventude pobre e escolarização: relações com a escola o trabalho e a cultura em territórios de precariedade*. Departamento de Metodologia de Ensino, Centro de Ciências da Educação, universidade federal de Santa Catarina, maio de 2017. (mimeo).
- MARGULIS, Mario; URRESTI, Marcelo. *La juventud es más que una palabra*. In: ARIOVICH, Laura. *La juventud es más que una palabra: ensayos sobre cultura y juventud*. Buenos Aires: Biblos, 1996. p. 13-30.
- ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). *Transformando nosso mundo: a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável*. 2015. Disponível em: <https://sdgs.un.org/2030agenda>. Acesso em: 15 dez. 2024.
- PLATTNER, Hasso. *Design Thinking: Understand - Improve - Apply*. Berlin: Springer, 2015. Disponível em: https://ia601209.us.archive.org/30/items/asxsaxsaxgbyunuyun/Design%20Thinking_%20Understand%20%E2%80%93%20Improve%20%E2%80%93%20Apply%20.pdf. Acesso em: 12 dez. 2024.
- SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Record, 2019.
- UNESCO. *Culture: A driver and an enabler of sustainable development*. 2016. Disponível em: <https://www.unesco.org>. Acesso em: 15 dez. 2024.